



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Ana Clara de Menezes
Ana Laura Horst Paludo

Florestas de papel: o custo da indústria da madeira à Mata Atlântica catarinense

Florianópolis
2026

Ana Clara de Menezes
Ana Laura Horst Paludo

Florestas de papel: o custo da indústria da madeira à Mata Atlântica catarinense

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelas em Jornalismo.

Disciplina JOR6803 - Trabalho de Conclusão de Curso, professora Dra. Melina de la Barrera Ayres

Orientadora: Profa. Dra. Valentina da Silva Nunes

Florianópolis

2026

de Menezes, Ana Clara

Florestas de papel : O custo da indústria da madeira à Mata Atlântica catarinense / Ana Clara de Menezes, Ana Laura Horst Paludo ; orientador, Valentina Nunes da Silva, 2026.

25 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Meio ambiente. 3. Mata Atlântica. 4. Serra catarinense. 5. Florestas comerciais. I. Horst Paludo, Ana Laura. II. Nunes da Silva, Valentina. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Jornalismo. IV. Título.

Ana Clara de Menezes
Ana Laura Horst Paludo

Florestas de papel: o custo da indústria da madeira à Mata Atlântica catarinense

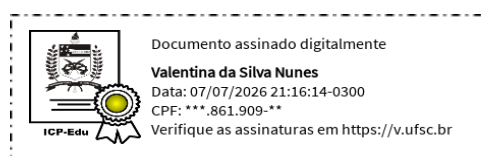
Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado, em 30 de 06 de 2026, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Valentina da Silva Nunes
Orientadora

Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Carlos Augusto Locatelli
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do Trabalho de Conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo,



Profa. Dra. Valentina da Silva Nunes
Orientadora



Documento assinado digitalmente
Ana Laura Horst Paludo
Data: 07/07/2026 19:47:38-0300
CPF: ***.770.727-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



Documento assinado digitalmente
ANA CLARA DE MENEZES
Data: 07/07/2026 19:51:25-0300
CPF: ***.983.569-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Ana Clara de Menezes
Ana Laura Horst Paludo
Autoras do trabalho

Florianópolis, 2026

AGRADECIMENTOS

Ana Clara de Menezes

Meu eterno agradecimento à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A você devo uma vida recheada de amizades valiosas, aprendizados constantes, oportunidades e descobertas.

Aos meus pais, obrigada pelo dom da vida, pela dádiva da gentileza e da empatia. Minha mãe, obrigada pela força; meu pai, obrigada pela calma.

À minha irmã, Nathália, uma das melhores ouvintes que já conheci, obrigada por sempre me deixar falar até perder a voz.

Vó Laura, já são 12 anos sem você, e todos os dias sinto que suas orações ainda me protegem. Vô Baiano, que sempre teve tanto orgulho de ter uma neta jornalista, sinto você comigo em cada entrada ao vivo na CBN, sua amada rádio. Obrigada aos dois por cuidarem de mim aí de cima.

Não posso deixar de agradecer também às mulheres da minha vida, que admiro tanto. Luzia, minha madrinha, com quem partilho o amor pelos livros, obrigada por me ensinar o que é generosidade. Ligia, a "Dadai", obrigada por me emprestar um pouco do seu espírito livre. Vocês duas também são responsáveis pela vida que chamo de minha.

Às minhas amadas "Jor Girls": Endy, que é sinônimo de casa; Ísis, a melhor vizinha e amiga que alguém poderia pedir; Júlia, pela doçura de sempre; e Clara, pela presença constante e carinhosa, com um "tico" de firmeza.

Aos meus amigos Francisco, Mel, Yasmin, Luiza, Matheus, Amabile e Duda, obrigada pelos conselhos e pelo apoio incondicional. Minhas risadas mais sinceras foram compartilhadas com vocês.

Aos meus primeiros editores como jovem repórter: Andréa, a querida "Déa"; Giovanna, pelo jeito doce de revisar e sugerir mudanças; Luana, pelos puxões de orelha cheios de amor, dona da voz que está, para sempre, no fundo da minha cabeça em todo texto que escrevo; Kássia, pelo humor único e pela sinceridade; o amado Jean, pela delicadeza com cada vírgula; e Nicolý, pelos debates amigáveis e recheados de risadas que terminam com um texto redondo e cuidadoso.

Aos meus professores queridos, carrego cada um de vocês em meu coração. Agradecimentos especiais à Valentina, por quem me apaixonei logo no primeiro semestre, por seus livros e por suas histórias de passagens por redações ainda cheias e com jornais impressos. Ao querido Samuca, pelos textos que dão esperança e por me apresentar a Chico Mendes, a faísca final para que eu me entregasse de vez ao jornalismo ambiental. Ao singular Locatelli, pelo carinho, pela inteligência, pelo humor e pela dedicação em cada aula.

O querido Júlio, que se entregou até ao trabalho de apuração deste TCC e, sempre energético, nos empurrou para produzir. Em nome de nós duas, obrigada.

E, por fim, um agradecimento especial à minha dupla da vida, Ana Laura. Muito obrigada por todo o apoio, carinho e amor incondicionais. Nossa amizade foi um encontro.

Ana Laura Horst Paludo

Antes de tudo, preciso agradecer à instituição que me acolheu durante os últimos cinco anos, oferecendo ensino e apoio. A Universidade Federal de Santa Catarina foi a minha melhor decisão, e saio dela transformada.

Aos meus pais, que me apoiaram mudar a ideia de graduação 50 vezes e, nos bastidores da formação, fizeram tudo o que podiam para me dar suporte. Minha mãe que foi estabilidade em meio ao caos, e meu pai que se transformou até piloto de fuga para este trabalho; sou eternamente grata.

À Dudinha, que foi meu verdadeiro motivo de permanecer em Floripa – eu faria tudo de novo se for para ver ela crescer de perto. Para sempre a minha maior companheira. A minha melhor versão é ela, e muito mais.

À Isabela, que foi minha segunda irmã. A Isa dividiu conhecimentos, histórias, roupas, conselhos e o próprio teto comigo, e não teria como não estar mencionada aqui. Obrigada por tanto.

À todo o corpo docente do Jornalismo, mas em especial à Valentina, nossa orientadora, que é acolhimento desde o primeiro semestre e foi fundamental para todo o desenvolvimento deste TCC. Transferiu calma, conselhos e fofocas. Foi ensinamento do início ao fim. Ao Samuca, o professor que fez de tudo e mais um pouco para que eu chegasse até aqui; sou mais grata do que ele imagina. Ao Locatelli, nosso 'Loca', que me dá os piores conselhos de estilo e os melhores puxões de orelha. Vocês me fizeram, e fazem, uma pessoa melhor.

Ao Dalton, que foi meu parceiro desde o primeiro semestre. Desdobrou ele mesmo e todo o corpo docente para que eu finalizasse esse curso. Esperava meu diploma para pensar em se aposentar. Esse trabalho é um pouco dele também.

Às minhas meninas, Clara, Endy, Ísis e Júlia, que transformaram os últimos anos nos mais felizes que já vivi. Me ensinaram sobre amizade, companheirismo, trabalho e humildade. Me ensinaram sobre o amor. Minhas eternas jorgirls, esse trabalho é de nós seis.

Por fim, à Anacla, que todo dia me ensina sobre amizade. Que me incentiva a abrir meus horizontes, meu intelecto e, especialmente, meu coração. Me mostra como ser empática e vulnerável, ao mesmo tempo em que é trabalhadora e confiante. É minha melhor amiga, e eu poderia escrever páginas sobre o orgulho que sinto dela. Obrigada por ser minha dupla nesse processo, e em toda a minha vida.

"No começo pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade."

– Chico Mendes.

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso aborda o desmatamento da vegetação nativa da Mata Atlântica na Serra Catarinense. Através de entrevistas, pesquisa documental e análise de imagens de satélite, a investigação busca compreender os impactos socioambientais decorrentes da substituição da vegetação nativa da região, como a perda de biodiversidade, alterações no regime hídrico, erosão do solo e fragmentação de habitats. Em vista disso, o trabalho problematiza a conversão da vegetação originária da Serra de Santa Catarina para fins comerciais, em especial para o cultivo de pinus e eucalipto destinado à produção de papel, questionando os impactos ambientais e sociais que o avanço da supressão pode causar, bem como a falta de fiscalização, a efetividade de práticas de reflorestamento e a necessidade de grandes empresas – em especial, a Klabin – para o desenvolvimento econômico da região. O produto final é uma grande reportagem em texto, acompanhada de elementos gráficos como fotos autorais e imagens de satélite, publicada em página online multimídia.

Palavras-chave: Desmatamento; Meio ambiente; Mata Atlântica; Serra catarinense; Florestas comerciais

ABSTRACT

This final graduation thesis examines the deforestation of native vegetation in the Atlantic Forest of the Santa Catarina Highlands, known as “Serra Catarinense”. Through interviews, documentary research and analysis of satellite images, the study seeks to understand the socio-environmental impacts resulting from the replacement of the region’s native vegetation, such as biodiversity loss, changes in the water cycle, soil erosion, and habitat fragmentation. The project examines the conversion of Santa Catarina’s native vegetation for commercial purposes, particularly for the cultivation of pine and eucalyptus for paper production, questioning the environmental and social impacts that the ongoing deforestation may cause, as well as the lack of oversight, the effectiveness of reforestation practices, and the role of large companies — especially Klabin — for the region’s economic development. This final product is an in-depth text report, accompanied by graphic elements such as original photographs and satellite imagery, published on a multimedia online platform.

Keywords: Deforestation; Environment; Atlantic Forest; Santa Catarina Highlands; Commercial forests

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fontes entrevistadas

24

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Projeção de custos da reportagem	28
Tabela 2 – Gastos com o produto entregue	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
SAPE	Secretaria de Estado da Agricultura e Pecuária
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
TJSC	Tribunal de Justiça de Santa Catarina
STF	Supremo Tribunal Federal
IBA	Indústria Brasileira de Árvores
PIB	Produto Interno Bruto
Agecom/UFSC	Agência de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. CONTEXTUALIZAÇÃO	16
1.1. JUSTIFICATIVA	17
1.2. REFERENCIAL TEÓRICO	19
1.2.1. Pauta ambiental investigativa	19
1.2.2. Gênero escolhido	20
2. DESENVOLVIMENTO	21
2.1. PRÉ-APURAÇÃO E DEFINIÇÃO DAS FONTES	21
2.2. APURAÇÃO E COLETA DE DADOS	25
2.2.1. Trabalho de campo e entrevistas	26
2.3. REDAÇÃO, EDIÇÃO E RECURSOS VISUAIS	27
2.4. RECURSOS UTILIZADOS E TEMPO DE PRODUÇÃO	28
3. DIFICULDADES, SOLUÇÕES E APRENDIZADOS	30

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Apenas em Santa Catarina, 1 milhão de hectares de florestas comerciais já foram plantadas. Isso representa quase 10% de todo o território estadual. O dado pertence a um estudo da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), em parceria com a Secretaria de Estado da Agricultura e Pecuária (Sape), divulgado em 2025, e que visou destacar os “benefícios econômicos” dessa exploração ambiental.

Grandes empresas, atraídas por essa condição, optam pela criação de sedes no estado catarinense. Esse é o caso da Klabin S/A, maior produtora e exportadora de papéis do país, que se estabeleceu na região da Serra em 1961. A presente investigação visa descobrir se empresas desse porte podem estar se utilizando da legislação catarinense para se proteger de possíveis sanções ambientais e/ou econômicas. Em vista disso, a apuração parte de um episódio específico, em que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) identificou o desmatamento de quase 5 mil hectares de vegetação nativa dos Campos de Altitude — ecossistema sensível e prioritário para conservação no bioma Mata Atlântica — na Serra Catarinense. Na ocasião, outros responsáveis pela destruição do bioma foram multados, tiveram as áreas embargadas e foram notificados a retirar as mudas de pinus e iniciar a recuperação da vegetação nativa, com exceção da Klabin.

Em Santa Catarina, o avanço das monoculturas de pinus e eucalipto está amparado pela lei estadual nº 14.675/2009, que restringe a proteção ambiental a áreas acima de 1.500 metros de altitude. Neste caso, o Ibama afirma que a lei está “ignorando a abrangência real dos Campos de Altitude”. Para o instituto, essa norma viola a Constituição Federal e desrespeita a Lei da Mata Atlântica (Lei nº 11.428/2006) e a Resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) 423/2010, que protegem o ecossistema com base em critérios técnicos e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), inclusive em altitudes inferiores.

A Klabin alega que a operação de suas atividades em Santa Catarina é regular e está em conformidade com a legislação vigente, “em especial o Código Florestal Nacional e o Código de Meio Ambiente do Estado de Santa Catarina, que contém definição específica sobre os Campos de Altitude – já declarada

constitucional pelo Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJSC) em 2019 e em decisão confirmada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2022”.

O caso se tornou uma disputa judicial. Em julho deste ano, por decisão do ministro Gilmar Mendes, os processos do STF foram suspensos, à espera de uma decisão definitiva para servirem de base para os demais litígios. Entretanto, em agosto, o STF conferiu razão à Klabin ao reconhecer a constitucionalidade do dispositivo estadual que circunscreve a proteção apenas às áreas acima desse patamar altimétrico — abrindo caminho para que os casos individuais dependessem dessa orientação de corte.

A conversão de áreas de vegetação nativa da Mata Atlântica em florestas comerciais de pinus e eucalipto, voltadas principalmente à produção de papel, ainda é um tema pouco explorado tanto pela academia quanto pelo jornalismo. A maior parte dos estudos sobre silvicultura no Brasil trata da dimensão econômica ou da expansão das monoculturas florestais, mas há escassez de investigações que abordem, de forma crítica, os impactos socioambientais desse processo e as lacunas legais que o tornam possível. Essa ausência de trabalhos específicos foi um dos principais motivos que impulsionou a produção desta reportagem — que busca compreender como a legislação e a lógica de mercado têm influenciado a ocupação de ecossistemas sensíveis na Serra Catarinense.

Nas últimas décadas, o Brasil consolidou-se como um dos maiores produtores mundiais de papel e celulose, com cerca de 9,5 milhões de hectares de florestas plantadas, segundo o Relatório da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá, 2020). Desse total, 78% correspondem a eucalipto e 18% a pinus, espécies exóticas que competem com a flora nativa e modificam profundamente os ecossistemas onde são implantadas.

No Estado catarinense, o avanço dessas florestas comerciais sobre a vegetação sensível da Mata Atlântica, que vem ocorrendo de maneira especialmente controversa por causa de diferenças entre a legislação federal e a catarinense, já tem repercussões diretas em casos de desmatamento.

1.1. JUSTIFICATIVA

A ideia da reportagem surgiu através de uma notícia publicada por uma das repórteres em seu estágio. A pauta, solicitada pela editora do jornal, era sobre o processo sofrido pela Klabin S.A., e visava atualizar a tramitação legal do desmatamento ocorrido na Serra Catarinense — à época parado no STF. Por meio de uma conversa entre as duas estudantes, percebeu-se que a pauta, na verdade, poderia ser bem maior do que cabe em um jornal diário.

As duas graduandas já tinham interesse em realizar uma grande reportagem em texto com viés ambiental, por conta de afinidades com o tema e interesse em seguir uma trajetória profissional relacionada à área. Viram, então, uma oportunidade de aprofundamento de um tema pouco explorado pela mídia, com lacunas de dados e trâmites legais inconclusivos.

Quando se fala em desmatamento em Santa Catarina, a primeira imagem que se tem é do comprometimento da Mata Atlântica em regiões litorâneas, com viés da alta urbanização local. Ao realizar uma pesquisa aprofundada, as autoras perceberam uma falta de pesquisas e reportagens sobre o desmatamento em áreas de altitude da Serra Catarinense, especialmente voltado à produção de papel, que não está nos holofotes dos grandes portais de notícias.

De acordo com o SOS Mata Atlântica, o bioma abriga cerca de 70% da população brasileira e sustenta mais de 80% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. O produto final deste trabalho faz um panorama do desmatamento na região serrana do Estado, analisando impactos ambientais e sociais da mudança de vegetação.

O ponto de partida da grande reportagem foi a ideia de abordar um tema ambiental, que esporadicamente aparece na mídia, utilizando uma lógica de jornalismo que foge das grandes redações, e dando ênfases a perspectivas ainda não exploradas de apuração. Para tanto, Adelmo Genro Filho descreve bem:

Pensar a cultura em geral e o jornalismo em particular como práxis, não apenas como manipulação e controle. De um lado, em virtude da propriedade privada dos meios de comunicação e da hegemonia ideológica burguesa, o jornalismo reforça a cosmovisão dominante. De outro, a apreensão e reprodução do fato jornalístico podem estar alicerçadas na perspectiva de uma cosmovisão oposta e de uma ideologia revolucionária (Genro Filho, 2012, p. 222).

1.2. REFERENCIAL TEÓRICO

O tema do meio ambiente não é inédito nas investigações jornalísticas, apesar da lógica de apuração e redação se diferenciar da lógica da mídia hegemônica, conforme descreve Leandro Fortes (2005). O autor defende a investigação por meio da curiosidade e destaca a importância da paciência durante o processo. “Uma boa investigação é demorada”, como afirma.

O texto “Jornalismo investigativo passo a passo: o caminho das pedras” reflete sobre a insistência na pauta, com a necessidade de perseverança no assunto por diferentes meios. Isso se relaciona diretamente com a temática da grande reportagem, que necessitará do cruzamento de informações e análises de dados através de entrevistas, dados públicos, informações de propriedades privadas, legislações nacional e estadual e, ainda, imagens de satélite da região.

No texto “Reflexão sobre o conceito de problema social”, Maria da Conceição Tavares (1967) afirma que “a essência do problema social está na própria insatisfação experimentada ante este ou aquele aspecto da realidade social”. A autora descreve, ainda, que só o homem impõe problemas ao meio, só ele pode resolvê-los. Talvez esta seja parte do dever do jornalista; não há como fazer um bom jornalismo socioambiental sem a não-concordância com os moldes atuais de sociedade e desenvolvimento.

O estudo ambiental nada mais é do que o desejo de mudar um problema criado pela própria humanidade. A insatisfação com o desenrolar de ações legais referentes à vegetação nativa é uma das motivações para essa escrita. Para tanto, a jornalista e escritora Eliane Brum retrata o sentimento de narrar esse desejo por mudança:

Uma das experiências de alegria mais importantes que vivi. Alegria da partilha, alegria por ser liberada de precisar explicar o tempo todo por que não podemos destruir a única casa que temos, alegria por encontrar um lugar no sem lugar do mundo. Alegria por pertencer, eu que vivo despertencida (Eliane Brum, 2021).

1.2.1. Pauta ambiental investigativa

O jornalismo ambiental consolidou-se como uma área especializada da atividade jornalística voltada à cobertura de temas relacionados às questões ambientais e às suas interfaces com a sociedade. Ainda, o meio é um reflexo do todo, possibilitando uma leitura da sociedade atual por meio da relação do ser humano com a natureza.

Já o jornalismo investigativo caracteriza-se pela busca sistemática de informações que não estão prontamente disponíveis ao público. Diferentemente da cobertura cotidiana dos acontecimentos, essa modalidade exige aprofundamento da apuração, análise documental, cruzamento de dados e confronto de diferentes versões sobre um mesmo fato.

O Trabalho de Conclusão de Curso parte, deste modo, como uma análise de um caso específico – a suspensão do processo da Klabin e outras empresas de celulose no STF –, para então investigar os dilemas desse embate jurídico, bem como os impactos socioambientais causados pela indústria florestal. Girardi (2012) defende visões sistêmicas e complexas para dar conta da complexidade dos eventos ambientais. Neste aspecto, nós como autoras ainda nos vemos tendo que assumir “um papel educativo, cidadão e transformador” (Girardi, 2012, p. 20) para conseguir transmitir ao público interessado a ideia da pauta, da forma mais clara possível, sem perder o aspecto de dados e investigação intrínsecos do processo.

1.2.2. Gênero escolhido

A opção pela grande reportagem como produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso decorre das características do objeto investigado. A expansão das florestas comerciais sobre áreas originalmente ocupadas pela Mata Atlântica envolve processos históricos, disputas jurídicas, interesses econômicos, impactos ambientais e consequências sociais que demandam análise aprofundada – e é justamente isso que uma grande reportagem em texto oferece.

Segundo Sodré e Ferrari (1986), o gênero ‘reportagem’ consiste em uma narrativa aprofundada, possivelmente ampliada de uma notícia factual cotidiana, com elementos que permitem ao leitor compreender os diferentes aspectos de determinado acontecimento. Esta reportagem, em forma de TCC, responde não

apenas ao que ocorreu, mas também ao porquê e às consequências dos fatos observados.

No texto, os autores ainda tratam a reportagem como a humanização de um relato. “Mesmo não sendo feito em primeira pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação” (Sodré e Ferrari, 1986, p. 15). Ao descrever toda a apuração em forma de reportagem, esse desejo e pensamento estavam presentes em nós. Por meio das palavras, tentamos transmitir a ida para a Serra, as conversas com os moradores, as dezenas de reportagens e artigos lidos, os bancos de dados consultados, o pedido de LAI (Lei de Acesso à Informação), as várias entrevistas com especialistas e o sentimento que nos comoveu a escrever sobre a pauta.

Do mesmo modo, a fotografia ocupa um papel fundamental na construção de uma narrativa dentro do jornalismo. É um conceito similar ao da reportagem, de tentar condensar toda a essência de um acontecimento e seus significados em apenas uma captura (Souza, 2004). O fotojornalismo surge no trabalho, dessa forma, como um respiro visual para a interpretação da dimensão dos fatos, complementando, ampliando e atribuindo novas camadas de significado ao texto.

A união entre os dois formatos é, possivelmente, o poder necessário para expressar parte do problema do desmatamento na Serra Catarinense. “Quando poderosas, as imagens fotográficas conseguem evocar o acontecimento representado e sua atmosfera. Uma imagem fotojornalística, para ter sucesso, geralmente precisa de juntar a força noticiosa à força visual” (Souza, 2004, p. 13)

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. PRÉ-APURAÇÃO E DEFINIÇÃO DAS FONTES

A etapa de pré-apuração teve início a partir da identificação de uma lacuna na cobertura jornalística sobre o avanço das florestas comerciais de pinus e eucalipto sobre áreas de vegetação nativa da Serra Catarinense. Embora o caso envolvendo a Klabin e os Campos de Altitude já tivesse sido noticiado, de modo

factual, por veículos de comunicação, percebeu-se que havia espaço para uma investigação mais aprofundada sobre os aspectos jurídicos, ambientais, sociais e econômicos relacionados ao tema.

Considerando a complexidade da pauta, optou-se pela diversificação das fontes, buscando contemplar diferentes perspectivas sobre o tema. Uma das primeiras entrevistas realizadas foi com um advogado especializado em Direito Ambiental, indicado por um familiar de uma das autoras. Inicialmente, a expectativa era de que a fonte apresentasse uma perspectiva alinhada à defesa da conservação ambiental e pudesse auxiliar na compreensão dos mecanismos jurídicos de proteção da vegetação nativa.

Entretanto, logo nos primeiros momentos da entrevista, percebemos que o entrevistado possuía uma atuação voltada principalmente à defesa de empresas e proprietários rurais envolvidos em disputas ambientais, além de ocupar posição de destaque na área jurídica ambiental catarinense. A constatação representou uma mudança significativa em relação ao planejamento inicial da conversa. Diante desse cenário, foi necessário reformular as perguntas previamente elaboradas e adaptar o tom da entrevista ainda durante sua realização, aproveitando a oportunidade para compreender os argumentos jurídicos e econômicos utilizados pelos setores interessados na expansão da silvicultura e na flexibilização da legislação ambiental.

A mudança de estratégia mostrou-se produtiva para a investigação. Em vez de descartar a entrevista por não corresponder às expectativas iniciais, optamos por incorporá-la como uma fonte representativa de um dos lados centrais do debate. Ao longo dos contatos posteriores, foi construída uma relação de confiança que permitiu ao entrevistado compartilhar informações de forma franca e transparente, contribuindo para a compreensão dos interesses econômicos envolvidos na discussão. Além de esclarecer aspectos jurídicos do conflito, a fonte indicou caminhos relevantes para aprofundar a investigação econômica, sugerindo questionamentos que posteriormente foram encaminhados à Secretaria de Estado da Fazenda sobre a participação da cadeia produtiva de papel e celulose na economia catarinense.

Também foram consultados geógrafos, biólogos e pesquisadores com atuação direta na Serra Catarinense. Grande parte desses contatos foi intermediada pela Agência de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina

(Agecom/UFSC), que auxiliou na aproximação com especialistas dedicados ao estudo dos Campos de Altitude, da biodiversidade regional e dos impactos da silvicultura sobre os ecossistemas serranos.

As entrevistas com esses pesquisadores foram fundamentais para compreender os impactos ambientais e sociais decorrentes da substituição da vegetação nativa por monoculturas florestais. Os especialistas contribuíram para a construção de uma visão sistêmica do problema, evidenciando que os ecossistemas funcionam por meio de relações de interdependência entre espécies, recursos hídricos, solo e clima. Embora a sociedade possua uma compreensão geral sobre a importância da preservação ambiental, as entrevistas permitiram dimensionar de forma mais concreta a amplitude das consequências provocadas pela alteração desses ambientes.

Esses especialistas foram essenciais para a explicação dos possíveis impactos socioambientais decorrentes da conversão de vegetação. Nos baseamos nas entrevistas para traduzir, para além dos termos técnicos, todos os reflexos causados ao meio, de forma clara e compreensível a todos. Grande parte dos pesquisadores, mas em especial o geógrafo, auxiliaram abertamente e em diferentes momentos nesse processo de tradução.

Quadro 1 – Fontes entrevistadas

Fonte	Categoria	Identificação/função	Tipo de contato
Cristiano Pitz	fonte-cidadã	morador de Correia Pinto; trabalha na Klabin	Presencial - Correia Pinto
Dionísio de Souza	fonte-cidadã	morador de Correia Pinto; trabalha na Klabin	Presencial - Correia Pinto
Roselaine Correia Rosa	fonte-cidadã	moradora de Correia Pinto; trabalha na Klabin	Presencial - Correia Pinto
Aldori Jocelito Pereira	fonte-cidadã	moradora de Correia Pinto; trabalha na Casan; filho trabalha Klabin	Presencial - Correia Pinto
Mariana Chaves	fonte-cidadã	moradora de Palmeira, município vizinho à Correia Pinto; confeiteira	Presencial - Palmeira
Vinicius Werne	fonte-cidadã	morador de Palmeira, município vizinho à Klabin; funcionário de comércio	Presencial - Palmeira
Ana Clara Xavier	fonte-cidadã	moradora de Palmeira, município vizinho à Correia Pinto; funcionária de comércio	Presencial - Palmeira
Elaine Souza	fonte-cidadã	moradora de Palmeira, município vizinho à Correia Pinto; funcionária de comércio	Presencial - Palmeira
Lindberg Nascimento Júnior	fonte especialista	geógrafo social, professor na UFSC, estuda impactos sociais de questões geoespaciais	Presencial - UFSC
Eduardo Luís Hettwer Giehl	fonte especialista	ecologista, biólogo, especialista em trabalhos na Serra	Presencial - UFSC
Lucas Dantas Evaristo de Souza	fonte especialista	presidente da Comissão de Direito Ambiental da OAB/SC, advogado que atua em causas ambientais	Online, chamada de vídeo
Selvino Neckel	fonte especialista	ambientalista, biólogo especializado em fauna, trabalha na Serra	Presencial - UFSC
Rafael Barbizan	fonte especialista	professor de biologia na UFSC e pesquisador de campos subtropicais de altitude no sul do Brasil	Presencial - UFSC
Klabin	fonte institucional	maior produtora e exportadora de papéis do Brasil; sedes em SC	Posicionamento por nota

Ibama	fonte institucional	órgão ambiental fiscalizatório	Posicionamento por nota
Floram	fonte institucional	órgão ambiental fiscalizatório de Florianópolis	Posicionamento por nota
Prefeitura Otacílio Costa	fonte institucional	prefeitura de cidade onde Klabin tem sede	Posicionamento por nota
Prefeitura Correia Pinto	fonte institucional	prefeitura de cidade onde Klabin tem sede	Posicionamento por nota

Fonte: elaborado pelas autoras

2.2. APURAÇÃO E COLETA DE DADOS

Além das entrevistas, a investigação foi sustentada por uma extensa pesquisa documental. Foram solicitados posicionamentos institucionais a órgãos públicos e empresas diretamente relacionados ao tema.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) forneceu um documento técnico com 16 páginas contendo informações que se mostraram essenciais para o desenvolvimento da reportagem. Entre os dados apresentados estava a interpretação técnica do órgão sobre a ocorrência dos Campos de Altitude em Santa Catarina. Segundo o instituto, esse ecossistema pode ser encontrado a partir de aproximadamente 400 metros de altitude, em contraste com a legislação catarinense, que restringe sua proteção a áreas acima de 1.500 metros. Essa divergência já estava mapeada como sendo um dos principais pontos da investigação, uma vez que permite a supressão de vegetação nativa em extensas áreas da Serra Catarinense.

Ainda, o Ibama foi essencial para confirmar algumas das suspeitas levantadas durante a pré-apuração. Ao longo do extenso documento, escreveram falas como a vontade do estado catarinense de "empurrar os campos naturais morro acima para 1.500 metros desde o nível do mar, contrariando as normativas federais". Durante as 16 páginas, afirmaram também que "a realidade afasta o argumento" de impactos econômicos em todo o estado em caso de cumprimento da lei de proteção ambiental.

Também foi solicitado posicionamento oficial da Klabin. A empresa respondeu por meio de nota institucional. Entretanto, o conteúdo não trouxe informações inéditas nem esclarecimentos adicionais além daqueles já obtidos durante a apuração documental e das conversas realizadas. Embora a limitação de acesso a informações mais detalhadas tenha representado um desafio, nós já havíamos especulado essa possibilidade desde o início da investigação e buscamos suprir essa ausência por meio de documentos públicos, processos judiciais e entrevistas com especialistas.

No campo econômico, a obtenção de dados também exigiu esforço adicional. Parte das informações utilizadas foi encontrada em bases públicas e relatórios setoriais. Com muita pesquisa, e o auxílio de colegas mais inteirados no jornalismo de dados, conseguimos analisar bancos de dados do MapBiomas, SIDRA – Banco de Tabelas Estatísticas do IBGE e Observatório Agro. No entanto, possivelmente os dados mais relevantes foram fornecidos pela Secretaria de Estado da Fazenda, que respondeu aos questionamentos encaminhados por meio de LAI e disponibilizou números fundamentais para dimensionar o impacto econômico da produção de papel e celulose em Santa Catarina. Essas informações permitiram estabelecer relações entre os benefícios econômicos defendidos pelo setor produtivo e os impactos socioambientais identificados ao longo da investigação.

2.2.1. Trabalho de campo e entrevistas

Todas as entrevistas com especialistas foram realizadas presencialmente. Essa escolha possibilitou diálogos mais aprofundados e favoreceu a construção de vínculos com as fontes, aspecto considerado fundamental para uma reportagem de caráter investigativo. Todos se mostraram abertos a responder questionamentos posteriores, além de conferirem eventuais dúvidas que surgiram ao longo da escrita.

As entrevistas com o advogado especializado em Direito Ambiental ocorreram de forma remota, por chamadas de vídeo e telefone. A opção foi motivada pela rotina profissional do entrevistado, que frequentemente se desloca para compromissos e audiências em diferentes localidades do estado, não sendo possível encontrar um horário em comum durante a produção da reportagem.

Já as fontes cidadãos foram entrevistadas presencialmente durante uma viagem realizada à Serra Catarinense. Sem dúvida, esse movimento fez total diferença no resultado da reportagem; ver presencialmente a imensidão de plantações comerciais, já tendo estudado os impactos disso para o meio ambiente, foi avassalador. A escrita ganhou mais força ao nos fazer vivenciar tudo isso cara a cara. O deslocamento permitiu observar diretamente a paisagem local modificada, além de registrar fotografias e estabelecer contato com moradores afetados pelas transformações ambientais da região.

Optamos por não fazer registros com fotos ou vídeos dos moradores, aproveitando a liberdade que nos deram de conversar casualmente sobre o tema. Ao chegar apenas com um caderninho e caneta, as pessoas pareceram mais à vontade para compartilhar suas histórias e perspectivas, demonstrando confiança em nós. Inclusive, chegamos a ser convidadas por um dos moradores para comer um pinhão recém-colhido após o diálogo, uma experiência completamente diferente do que teríamos na capital, onde estamos acostumadas. Essa experiência de entrevistas, no portão ou dentro da residência dos moradores, contribuiu para a humanização da narrativa e para a compreensão das consequências práticas do avanço das florestas comerciais sobre os territórios investigados.

Os pedidos de posicionamento institucional foram realizados principalmente por e-mail e aplicativos de mensagens. Nossa inserção prévia no mercado de trabalho jornalístico facilitou o acesso a algumas fontes estratégicas, especialmente em órgãos públicos, já que havíamos tido um contato anterior com os assessores por conta de outras pautas relacionadas aos trabalhos. A existência de relações de confiança previamente construídas contribuiu para agilizar retornos e ampliar o acesso a documentos relevantes para a investigação.

2.3. REDAÇÃO, EDIÇÃO E RECURSOS VISUAIS

A etapa de redação foi marcada pelo desafio de transformar uma grande quantidade de dados técnicos, jurídicos e econômicos em uma narrativa acessível ao público. Durante a escrita, buscamos equilibrar informações complexas com relatos humanos e explicações didáticas, mantendo o rigor jornalístico sem comprometer a compreensão do leitor.

Uma dificuldade identificada ao longo da edição envolveu a apresentação dos dados econômicos relacionados à indústria de papel e celulose. Inicialmente, os valores, percentuais e indicadores foram incorporados exclusivamente ao texto. No entanto, durante as revisões, percebeu-se que a leitura se tornava excessivamente densa e pouco fluida, devido à grande quantidade de números em poucos parágrafos.

A questão foi discutida com a orientadora do trabalho, que sugeriu a utilização de infográficos para sintetizar os principais números. A proposta foi incorporada ao produto final, permitindo apresentar informações complexas de forma mais clara, visual e acessível. A adoção desse recurso contribuiu significativamente para a experiência de leitura e para a compreensão dos dados econômicos apresentados na reportagem.

Outro elemento importante foi o uso de imagens de satélite para demonstrar visualmente as transformações ocorridas na paisagem da Serra Catarinense. A produção desse material contou com o auxílio de um profissional indicado pelo professor Samuel Lima; ambos demonstraram abertura para nos auxiliar e explicar os termos técnicos, além de dar novas ideias durante a apuração. A construção dessas imagens demandou um processo contínuo de análise, troca de informações e definição de recortes visuais que fossem capazes de traduzir os fenômenos investigados.

Por fim, a construção do site foi o ponto-chave para a consolidação da reportagem. Com o recurso, foram incluídos o texto, as fotografias jornalísticas, as filmagens por satélite e imagens ilustrativas que auxiliam na compreensão do tema. Buscamos equilibrar a parte escrita com os elementos visuais para trazer maior dinamicidade e transmitir o apelo que a pauta exige. É possível acessar o site por meio deste link: <https://anahorst.wixsite.com/florestasdepapel>.

2.4. RECURSOS UTILIZADOS E TEMPO DE PRODUÇÃO

O tempo disponível para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso representou um dos principais desafios enfrentados por nós. Ambas conciliaram a pesquisa com jornadas de trabalho de oito horas diárias em redações profissionais.

Além disso, uma das estudantes enfrentava deslocamentos superiores a uma hora entre trabalho, universidade e residência.

Dessa forma, a apuração ocorreu de maneira fragmentada ao longo da rotina cotidiana, envolvendo entrevistas realizadas durante intervalos de trabalho, leituras de documentos no período noturno, análise de materiais nas primeiras horas da manhã, construção do site por madrugadas e redação aos finais de semana. Mesmo com as limitações de tempo, buscamos manter a profundidade investigativa necessária para abordar um tema complexo e pouco explorado pelo jornalismo catarinense.

Tabela 1 - Projeção de custos da reportagem

Categoria / Item	Cálculo	Valor estimado (R\$)
Diagramação do site	Veículo eletrônico (criação de página web)	1.021,00
Infográficos	três infográficos completos	980,00
Revisão final	R\$ 10 por página X 30	300
Fotojornalismo	Saída 5 horas	1.051,00
Total		3.352

Fonte: elaborado pelas autoras.

Tabela 2 - Gastos com o produto entregue

Categoria	Descrição	Cálculo	Valor (R\$)		
Equipamentos	Notebook 1	já possuído	4.600,00		
	Notebook 2	já possuído	2.969,00		
	iPhone 1	já possuído	3.600,00		
	iPhone 2	já possuído	4.400,00		
	Câmera fotográfica digital	já possuído	5.500,00		
Deslocamento	Gasolina (1 visita à Serra x 500km ida e volta)	500km ÷ 9km/L = 55,55 55,55 X R\$ 6,70	372,22		

Alimentação	Refeições: café da manhã + almoço (R\$ 25 café da manhã + R\$ 49 almoço por pessoa)	(49 + 25) x 2	148		
		Total geral			21.589,22

Fonte: elaborado pelas autoras.

3. DIFICULDADES, SOLUÇÕES E APRENDIZADOS

A produção da grande reportagem *Florestas de papel: o custo da indústria da madeira à Mata Atlântica catarinense* foi marcada por uma série de desafios relacionados ao tempo disponível para apuração, ao acesso às fontes, à complexidade técnica do tema e às limitações logísticas enfrentadas por nós. Ao mesmo tempo, esses obstáculos contribuíram para importantes aprendizados sobre o fazer jornalístico, especialmente no contexto da reportagem investigativa ambiental.

O primeiro desafio esteve relacionado à conciliação entre a produção do Trabalho de Conclusão de Curso e a nossa rotina profissional. Ambas atuam em redações jornalísticas da mídia tradicional sob regime CLT, com jornadas diárias entre oito e nove horas de trabalho. Essa realidade reduziu significativamente o tempo disponível para leituras, entrevistas, organização de documentos e escrita da reportagem. Além disso, uma de nós reside em um município vizinho a Florianópolis, realizando deslocamentos diários que somam aproximadamente uma hora e meia entre residência, universidade e trabalho. Em muitos momentos, a produção do TCC precisou ocorrer nos intervalos da rotina profissional, durante deslocamentos, à noite ou nos finais de semana.

Paradoxalmente, a mesma experiência profissional que limitava o tempo disponível também ofereceu vantagens importantes para a investigação. A nossa inserção no mercado de trabalho jornalístico contribuiu para ampliar redes de contato e facilitar o acesso a fontes estratégicas. Um exemplo significativo ocorreu durante a busca por informações junto ao Ibama. Uma de nós já possuía relação de confiança com um técnico do órgão em razão de experiências profissionais anteriores, o que contribuiu para agilizar o recebimento de documentos e posicionamentos institucionais fundamentais para a apuração.

Situação semelhante ocorreu durante a busca por contatos das administrações municipais da Serra Catarinense. Jornalistas da emissora em que uma das estudantes trabalha auxiliaram na obtenção de telefones diretos das assessorias de comunicação de Otacílio Costa e Correia Pinto. Esse apoio foi decisivo para o andamento da apuração, já que os contatos institucionais tradicionais — como e-mails e telefones oficiais — frequentemente não eram respondidos. A comunicação via WhatsApp possibilitou um fluxo mais rápido de informações e facilitou o acesso a dados e posicionamentos oficiais.

Outro desafio importante esteve relacionado à busca por fontes especializadas. Como o tema envolve legislação ambiental, silvicultura, biodiversidade e gestão territorial, foi necessário ouvir profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Inicialmente, procuramos advogados ambientalistas acreditando que encontraríamos especialistas voltados prioritariamente à defesa da preservação ambiental. Entretanto, muitas tentativas de contato não obtiveram retorno.

O principal advogado entrevistado só foi localizado por intermédio de um conhecido da família de uma das estudantes, também advogado, que possuía relação profissional com ele. A entrevista revelou um cenário inesperado: embora atuasse na área ambiental, o profissional defendia principalmente interesses de empresas e proprietários rurais envolvidos em disputas ambientais. A descoberta exigiu uma rápida adaptação de nossa parte, que precisamos reformular perguntas e alterar o direcionamento da conversa durante a própria entrevista. Posteriormente, essa experiência revelou-se extremamente enriquecedora, pois nos permitiu compreender argumentos jurídicos e econômicos que dificilmente seriam percebidos apenas por meio da leitura de processos ou documentos oficiais.

Também houve dificuldades para localizar pesquisadores disponíveis para entrevistas. Alguns especialistas contatados encontravam-se em período de férias ou afastamentos acadêmicos. No entanto, uma característica marcante observada durante a apuração foi a disposição dos pesquisadores em colaborar com a investigação. Frequentemente, quando não podiam conceder entrevistas, indicavam colegas que possuíam conhecimento semelhante ou complementar sobre o tema.

Ao longo das entrevistas, outro aprendizado relevante foi a compreensão de que o foco da investigação não era simplesmente o desmatamento, termo

inicialmente utilizado por nós, mas especificamente a conversão da vegetação nativa dos Campos de Altitude em monoculturas de pinus e eucalipto. A diferença conceitual pode parecer sutil para o público em geral, mas possui implicações técnicas, jurídicas e ecológicas significativas. A partir dessa constatação, reformulamos parte da linguagem utilizada durante as entrevistas e na própria reportagem, buscando maior precisão terminológica e melhor alinhamento com a literatura científica e com os especialistas consultados.

Outro aprendizado relevante esteve relacionado à definição do recorte temático da reportagem. Ao longo da apuração, percebemos que diversos temas associados à transformação da paisagem da Serra Catarinense poderiam ser abordados. Entre eles, destacavam-se as atividades agropecuárias, especialmente a pecuária extensiva tradicional. A temática, entretanto, trazia complexidades que necessitavam de mais apuração – por exemplo, alguns pesquisadores apontaram sua contribuição para a manutenção dos Campos de Altitude, outros levantavam preocupações com os possíveis danos.

À medida que a investigação avançava, tornou-se evidente a necessidade de estabelecer limites claros para a apuração. A tentativa de incorporar simultaneamente questões relacionadas à silvicultura, à legislação ambiental, à conservação da biodiversidade e à economia regional já era complexa por si só; assim, outros temas como a pecuária poderiam comprometer a profundidade da análise e dispersar o foco da narrativa. Optamos então por concentrar a reportagem nos impactos da expansão das monoculturas de pinus e eucalipto, deixando de lado outras discussões igualmente relevantes, mas que demandariam uma investigação própria. Essa escolha reforçou a compreensão de que uma das etapas fundamentais do jornalismo investigativo consiste não apenas em identificar pautas importantes, mas também em definir aquilo que ficará fora da reportagem para garantir coerência, profundidade e clareza ao trabalho.

A complexidade da legislação ambiental também representou um obstáculo durante a produção do trabalho. Grande parte dos documentos analisados era composta por processos judiciais, legislações, pareceres técnicos e decisões de tribunais, escritos em linguagem jurídica pouco familiar para nós. A leitura desses materiais exigiu tempo adicional de estudo e interpretação. Nesse contexto, as entrevistas com o advogado ambiental desempenharam papel fundamental,

auxiliando na compreensão dos conceitos jurídicos envolvidos e permitindo que interpretássemos de maneira mais segura os documentos analisados.

A realização do trabalho de campo na Serra Catarinense também envolveu desafios logísticos relevantes. Em razão dos nossos compromissos profissionais, a viagem precisou ser planejada para um final de semana específico, o que se tornou ainda mais difícil devido à existência de plantões obrigatórios nas redações onde trabalhamos. O deslocamento só foi possível graças ao apoio do pai de uma de nós, que nos levou de carro. Ainda assim, a atividade gerou custos relacionados ao combustível, café da manhã e almoço durante o percurso e permanência na região.

Apesar das dificuldades de organização, o trabalho de campo revelou-se uma das etapas mais enriquecedoras da investigação. Diferentemente do que ocorreu com algumas fontes institucionais, os moradores da Serra Catarinense demonstraram grande receptividade. Em municípios como Otacílio Costa, Correia Pinto e Palmeira, encontramos facilidade para conversar com moradores e trabalhadores locais, que relataram de forma aberta suas percepções sobre a presença da Klabin e os impactos econômicos e ambientais da atividade florestal na região.

A visita ao entorno da unidade industrial da Klabin em Otacílio Costa também produziu forte impacto sobre nós. Embora não tenhamos ingressado nas instalações da empresa, foi possível realizar registros fotográficos e audiovisuais do exterior da fábrica. A dimensão da operação chamou nossa atenção, uma vez que nos deparamos com extensas pilhas de madeira e uma intensa movimentação industrial. A experiência permitiu visualizar concretamente a escala da produção que até então havia sido compreendida principalmente por meio de números, relatórios e documentos.

Durante a realização desses registros, algumas situações nos geraram desconforto. Funcionários nos observavam enquanto realizávamos fotografias e uma vigilante chegou a nos abordar de maneira abrupta, questionando a atividade. Ainda assim, conseguimos obter as imagens e vídeos necessários para a reportagem, preservando a nossa segurança e respeitando os limites legais de registro em áreas externas.

Por fim, um dos principais aprendizados proporcionados por este trabalho foi a compreensão de que a reportagem investigativa raramente segue o caminho

inicialmente planejado. Fontes mudam o rumo da apuração, documentos revelam informações inesperadas e hipóteses iniciais precisam ser constantemente revisadas. O processo exigiu flexibilidade, persistência e capacidade de adaptação diante dos obstáculos encontrados. Mais do que produzir uma reportagem sobre os impactos da indústria florestal na Serra Catarinense, o trabalho nos permitiu experimentar, na prática, os desafios e as potencialidades do jornalismo investigativo ambiental, reafirmando a importância da escuta, da observação de campo e da apuração aprofundada para a construção de narrativas de interesse público.

REFERÊNCIAS

BRASIL (Estado). Lei nº 14675, de 13 de abril de 2009. Código Estadual do Meio Ambiente. Florianópolis, SC.

BRASIL. Lei nº 11.428, de 22 de dezembro de 2006. Brasília, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11428.htm. Acesso em: 20 fev. 2026.

BRUM, Eliane. Banzeiro òkôtô: uma viagem à Amazônia centro do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CONAMA. Resolução nº 423, de 12 de abril de 2010. Brasília.

FORTES, Leandro. Jornalismo investigativo passo a passo: o caminho das pedras. In: FORTES, Leandro. Jornalismo Investigativo. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 35-52.

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo. 1987. 276 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte de; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar (org.). Jornalismo Ambiental: teoria e prática. Porto Alegre: Metamorfose, 2018.

IBÁ - Instituição Brasileira de Árvores. Relatório anual. São Paulo: Café Art, 2020.

SANTA CATARINA. UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. (org.). Espacialização e quantificação do estoque volumétrico dos maciços florestais do estado de Santa Catarina. Lages: Governo do Estado, 2025. 42 p.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOS MATA ATLÂNTICA. Mata Atlântica. Disponível em: <https://www.sosma.org.br/causas/mata-atlantica>. Acesso em: 22 fev. 2026.

SOUSA, Jorge Pedro. Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

TAVARES, Maria da Conceição. Reflexão sobre o conceito de problema social. In: LISBOA, Instituto Ciências Sociais da Universidad de (ed.). Análise Social. Lisboa: Instituto Ciências Sociais da Universidad de Lisboa, 1967. p. 5-22.

ANEXO

ANEXO A – FICHA DE TCC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
COORDENADORIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC	
ANO	2026.1	
ESTUDANTE/S	Ana Clara de Menezes e Ana Laura Horst Paludo	
TÍTULO	Florestas de Papel: o custo da indústria da madeira à Mata Atlântica catarinense	
ORIENTADOR/A	Valentina da Silva Nunes	
MODALIDADE	X	Prática editorial jornalística
		Processos comunicacionais e jornalísticos
		Prática de pesquisa
FORMATO		Impresso (grande reportagem/livro/revista/jornal)
		Áudio/Rádio
		Vídeo/ TV
		Foto
	X	Multimídia
LOCAL DE APURAÇÃO		Florianópolis
	X	Santa Catarina
		Brasil
		Internacional / País: _____
PRODUTO JORNALÍSTICO INTEIRO	Sim	X
	Não	

RESUMO	O Trabalho de Conclusão de Curso aborda o desmatamento da vegetação nativa da Mata Atlântica na Serra Catarinense. Através de entrevistas, pesquisa documental e análise de imagens de satélite, a investigação busca compreender os impactos socioambientais decorrentes da substituição da vegetação nativa da região, como a perda de biodiversidade, alterações no regime hídrico, erosão do solo e fragmentação de habitats. Em vista disso, o trabalho problematiza a conversão da vegetação originária da Serra de Santa Catarina para fins comerciais, em especial para o cultivo de pinus e eucalipto destinado à produção de papel, questionando os impactos ambientais e sociais que o avanço da supressão pode causar, bem como a falta de fiscalização, a efetividade de práticas de reflorestamento e a necessidade de grandes empresas – em especial, a Klabin – para o desenvolvimento econômico da região. O produto final é uma grande reportagem em texto, acompanhada de elementos gráficos como fotos autorais e imagens de satélite, publicada em página online multimídia.
--------	--

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

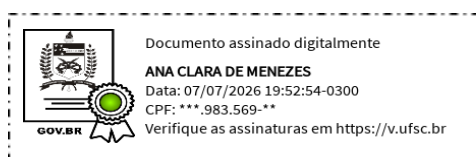
DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Nós, Ana Clara de Menezes e Ana Laura Horst , alunas regularmente matriculadas no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrículas 22101528 e 22103625, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Florestas de Papel: o custo da indústria da madeira à Mata Atlântica catarinense** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

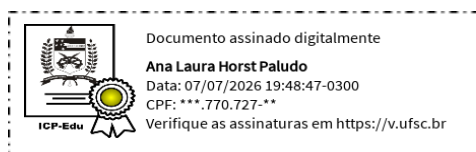
Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 30 de junho de 2026



Ana Clara de Menezes

106.983.569-26



Ana Laura Horst Paludo

128.770.727-03